

Prefácio

Marcos dos Santos Moreira*

Bandas brasileiras e a diversidade

Mais uma vez me debruço com escritos brasileiros sobre contextos bandístico. Sim! A *filarmônica*, *euterpe*, *lira musical*, *lítero musical*, *orfpheica musical*, ou simplesmente Banda de Música. Do norte ao sul do país estas agremiações centenárias, que muitos musicólogos afirmam serem existentes antes da chegada da Banda da Guarda Real Portuguesa em 1808, continuam seus testemunhos vivos alicerçadas por contextos da memória, das relações sociais e de seu relevante papel histórico-afetivo pelas grandes cidades, povoados até aos rincões mais distantes deste Brasil. Sua relação cultural é sustentada por centenas de nuances específicas.

Sendo o Brasil este celeiro da diversidade, étnica, social e cultural, os contextos filarmônicos não diferem de outros conjuntos artísticos musicais no sentido da relevância. Sua capacidade de agregar repertórios, indumentárias e contextos similares, nos trazem sempre características que identificam seus sotaques regionais sonoros, nomenclaturas regionais e principalmente papéis sociais que se entrelaçam na relação da memória e desenvolvimentos comunitários locais.

Esta obra que compõe textos mineiros, fluminenses, paulistas e goianos condiz com esta observação na medida que encontramos em sua estrutura pontos convergentes, mas ao mesmo tempo diferenciados em seus escopos de pesquisa, metodológicos, e regionalismos que identificam esta acuidade temática bandística como primordial para entendermos a contribuição definitiva nestes contextos.

Tais sociedades musicais preservam relações nas comunidades em que habitam e esta herança social-comunitária ratifica, com suas ramificações instrumentais, como são representadas por seus músicos em milhares de concepções diversas e como estas contribuem com estes objetos de pesquisa e ensino nas instituições de formação em Música no Brasil.

* Possui Graduação, Mestrado e Doutorado em Música pela Universidade Federal da Bahia (1999, 2007 e 2013). Atualmente é Professor da Universidade Federal de Alagoas e Diretor do Centro de Musicologia de Penedo em Alagoas. É autor de artigos e livros onde fundou o Selo CEMUPE de publicações em parceria com editoras brasileiras.

E-mail: moreiraufal@gmail.com

O argumento se evidencia quando nos centralizamos com pontos abordados neste livro que utilizam a musicologia, o ensino coletivo musical, a preservação dos acervos e seus focos identitários com muita perspicácia acadêmica, mas ao mesmo tempo com características muito particulares pelos autores em visões quantitativas, qualitativas e pesquisa ação. Isso só é permitido nos atentar quando identificamos nestes textos algo permanente de quem (eles, os autores) nasce, vive e perpetua sua própria trajetória concernente ao objeto estudado que individualmente se debruçam.

Assim percebemos o foco da tradição em tempos coloniais do acervo de agremiações instrumentais da mineira Formiga, município que contribui através das suas centenárias sociedades musicais, trazido à luz do pesquisador Vinícius Eufrásio. Este trabalho nos origina o quão os ativos da memória, da análise musical composicional e iconográfica nos aproxima do entendimento histórico em um recorte regional de Minas Gerais.

No mesmo viés musicológico e verificando o gênero mais evidenciado no repertório bandístico brasileiro, Juliana Soares da Costa Silva, nos remete a cada vez mais atentarmos sobre o relevante recorte do Dobrado, através da peça “Archanjo Soares do Nascimento” na medida que similarmente dobrados desta conjectura são importantíssimos para a compreensão melódica, estrutural e suas similaridades em termos da própria concepção do que tal gênero se destaca nas estantes filarmônicas através do tempo histórico.

Na mesma linha dos significados e suas ressignificações históricas, Marcos Botelho traz do Rio de Janeiro, o foco da citada memória musical friburguense, que nos remete a centenas de elementos similares no sentido destes escopos identitários. Como são estas, condições *sine qua non* para esta linha existencial filarmônica e assim de alguma maneira ao juntarmos todos os textos deste livro, percebemos a importância entre a pesquisa musicológica e educacional da perpetuação destes grupos.

Em relação aos textos de Marcelo Eterno Alves, Luiz Francisco de Paula Ipolito, Tais Helena Palhares e Fernando Vieira da Cruz nos envia a reflexão do nascedouro formativo que estes verdadeiros “conservatórios do Povo” como o escritor Vicente Sales indagou em seus escritos na primeira metade do século XX, já prenunciava a linha educacional a ser desbravada. Desde os métodos que tradicionalmente eram modelos quase intocáveis como as artinhas às atuais propostas do ensino coletivo. Realidades existentes tanto em Goiás, São Paulo e encontradas em outras regiões do Brasil. Este elo pedagógico histórico mostram as Bandas de Música utilizando possibilidades das novas tecnologias e principalmente compartilhando seus espaços, com pesquisadores

preocupados com as mudanças sociais que de certa forma obrigam instituições desta magnitude estarem a par de novos aspectos sociais de formação musical.

Assim, *Bandas de Música: intersecções históricas, identitárias e educacionais*, cumpre seu papel em uma linha temporal da tradição e da educação, dando aos leitores um olhar coletivo, mas ao mesmo tempo individual em que cada autor nos traz, para que possamos ver e entender a Banda de Música com suas possibilidades de experimentos pedagógicos e musicológicos. Perceber seus regionalismos e evidenciá-la como importante objeto de observação, provando e ratificando suas vertentes musicais, sociais, históricos, tradicionais, modernos, evolutivos e presentes na música brasileira sempre.